

A

## RASGAR A INDIFERENÇA

1.º Subscrito  
Pedro Lemos Coelho

Parece que os tempos de profundas mudanças que se vivem em todo o Mundo contrastam com a enorme estabilidade que se instalou no nosso País.

O facto de tomarmos conhecimento das novas realidades por meio da comunicação social parece deixar-nos na posição confortável de ficar imunes e ilesos perante o esboroar do Velho Mundo.

E depois de a bandeira política da Mudança ter mobilizado mais de metade do eleitorado do País, e de a termos convertido num amplo conjunto de grandes reformas, parece que encerrámos o capítulo do projecto de Mudança para abrimos, com a frieza dos números, o capítulo da Modernização. E quase metade do eleitorado se mostrou indiferente.

Parece-nos que é preciso dizer que, no tempo histórico em que vivemos, a estabilidade não pode ficar presa à inércia das instituições nem converter-se ao imobilismo dos que se acomodam facilmente ao Poder: ao seu próprio ou dos outros.

**O protagonismo social e político que os jovens assumiram, dos Países de Leste à China, contrasta com a indiferença dos jovens portugueses.**

E até porque sabemos que só o inconformismo dos jovens de Leste pode ter precipitado a queda dos antigos regimes, não aceitamos que a nossa recente democracia esteja condenada a produzir uma geração de jovens indiferentes.

Temos hoje a obrigação de construir um País novo e diferente. É uma tarefa que deve apelar especialmente ao empenhamento de todos os jovens, porque é neles que reside sempre o maior capital de esperança e de renovação.

Mas depois de se ter ganho o debate das questões da Juventude na sociedade portuguesa, e de se terem aberto novos espaços e novas oportunidades aos jovens não se obteve mais entusiasmo que alheamento na nova geração democrática que é a nossa.

**É preciso rasgar esta indiferença!**

**Não podemos ficar indiferentes** quando milhares de estudantes, jovens como nós, são chacinados em Tiananmen na luta pela Democracia, ou quando começam a despontar fenómenos graves de intolerância religiosa, de violência política e de discriminação racial a que não estamos definitivamente imunes.

**Não podemos ficar indiferentes** quando a indignação internacional em face destes acontecimentos parece não conseguir ultrapassar o cinismo das Diplomacias que continuam a permitir o esmagamento do Povo de Timor Leste.

**Não podemos ficar indiferentes** quando há crescimento económico e sucesso empresarial que se conseguem através da exploração de mão-de-obra infantil e do emprego clandestino ou precário.

**E não podemos ficar indiferentes** quando os partidos adormecem a olhar para o seu umbigo, sem perceberem que as realidades estão a mudar à sua volta e que está condenado ao fracasso o velho jogo de denunciar os erros dos outros ao mesmo tempo que se lhes inveja os vícios.

Porque não queremos que o Mundo passe ao nosso lado sem o sentir e sem o transformar.

Porque não acreditamos no amanhã construído sem uma geração que fica em casa e não participa.

A JSD, no seu IX Congresso Nacional, propõe-se

**RASGAR A INDIFERENÇA**

## NÃO OLHAR O PAÍS COM INDIFERENÇA

### **Há que Reformar, mesmo, o Estado**

Devemos ter a coragem de reconhecer que uma das mais importantes reformas para o País continua por realizar: a reforma do Estado.

E reformar o Estado não pode significar apenas desburocratizar a Administração Pública ou criar mais uma comissão destinada a eternizar o problema.

É imperioso simplificar a vida aos cidadãos e adequar o ritmo do Estado às novas exigências e dinâmicas sociais, e isso significa lutar por um Estado mais eficaz, mais inteligente e menos limitador.

Mas isto não chega. É indispensável dizer que a reforma do Estado só tem sentido inovador se traduzir uma nova atitude política e cultural em face da esfera de decisão política e da forma de melhor integrar a participação dos cidadãos.

### **Regionalizar o País, Revitalizar a Democracia**

A JSD defende a Regionalização, não só como imperativo de modernidade mas como forma de tornar a democracia mais próxima das novas realidades sociais.

É cada vez mais necessário que a democracia não se esgote nos rituais das eleições para os órgãos de soberania, de que as pessoas se vão progressivamente alheando.

Quanto mais caminhamos para a europeização dos problemas mais a prática democrática se revela como o jogo privado de uns poucos representantes surdos à realidade que os cerca e o privilégio de uma pequena elite.

A marginalidade em relação ao Poder é real. A Regionalização terá também de ser um ponto de partida para a urgente revitalização da nossa democracia.

Sem esta componente política qualquer reforma do Estado não passará de um conjunto de soluções técnicas, por mais burocracia que poupe ou recursos humanos que optimize.

### **A Doença dos Partidos**

Os partidos tardam a despertar para estas realidades. Fechados sobre si próprios e sobre as suas estruturas dirigentes, os partidos começam a

E o grau de permeabilidade dos partidos aos interesses instalados está na razão directa da sua apetência totalizadora por todo o fenómeno político. Os partidos querem chegar a todo o lado e desconfiam sempre das iniciativas que não provêm das suas hostes ou das adversárias.

Não concebemos o exercício da democracia sem os partidos, mas temos de afirmar a sua necessidade de abrir ao exterior de modo a melhor apreender a complexidade da nova dinâmica social, sem a tentação de a querer reduzir às suas estruturas internas.

A JSD vai-se empenhar em que o PSD possa dar o primeiro exemplo desta renovação, e desde logo contribuindo activamente para a revisão do seu Programa.

### **Apostar na nossa Cultura, Revalorizar a nossa Língua**

O momento histórico que vivemos e as oportunidades particulares de desenvolvimento que temos à mão não podem ser desperdiçadas em meros exercícios contabilísticos, como os que têm sido feitos a propósito da integração na Comunidade Europeia.

O desenvolvimento por que ambicionamos não pode ficar reduzido ao aumento dos índices económicos. O preço a pagar pelo crescimento económico deve sempre ser harmonizado com as necessidades de justiça e solidariedade social e com a preservação dos valores que constituem a nossa identidade cultural.

Não compreendemos que, numa altura em que os alemães procuram reencontrar dentro do espírito europeu a sua qualidade de Nação, Portugal não aposte na revalorização dos traços mais estruturantes da Nação que sempre fomos: o nosso património de Língua e de Cultura.

Países que, como a Espanha e o Japão, realizaram os maiores milagres económicos das últimas décadas fizeram-no apostando na valorização das suas instituições culturais.

O nosso modelo de desenvolvimento será socialmente tanto mais realizador quanto melhor souber potenciar a riqueza humanizante do nosso modo de estar e recusar a importação de modelos estranhos.

### **Unir os Portugueses Ganhar 91**

A construção de um País diferente obriga-nos a saber criar consensos, a

Por vezes a vida política tem vivido de conflitos desnecessários que fazem com que o eleitorado duvide da razoabilidade das causas por que queremos erguer bandeiras.

Já em 1984 a JSD definiu o que entendia dever ser a figura do Presidente da República: "uma personalidade capaz de gerar consensos e gerir conflitos, mas sem se substituir ao Governo ou mesmo faltar-lhe com a devida solidariedade institucional, (...) uma figura que suscite um apoio que ultrapasse o mero leque partidário, adquirindo uma dimensão social e cultural que simultaneamente seja uma garantia de confiança e de solidariedade ao Estado Democrático, das forças e instituições sociais, económicas, religiosas e laicas."

Por estas mesmas razões defendemos o apoio do PSD à recandidatura do Dr. Mário Soares.

Como entendemos que, em 1991, o PSD deve apresentar-se sózinho ao julgamento do eleitorado, cabendo-lhe explicar o que fez e o que não conseguiu realizar e o porquê. Só deste modo lhe será lícito pedir novamente a confiança do eleitorado para continuar a exercer a função de governar o País.

Porque mesmo quando, sem demagogia, reconhecemos no nosso Partido alguns dos defeitos que identificámos na generalidade das formações partidárias, não hesitamos em reconhecer no nosso a melhor capacidade para se regenerar e modernizar, respondendo àquilo que o País dele espera.

E esta nossa convicção é menos fruto da solidariedade interna que da certeza de, para este desiderato, podermos contribuir decisivamente.

## NÃO FICAR INDIFERENTE AO MUNDO QUE ESTÁ A MUDAR

### Sopram Ventos de Leste

Era impossível prever, ainda há um ano atrás, que não veríamos acabar a década de oitenta sem assistir à derrocada do comunismo no Leste da Europa.

De um dia para o outro velhas ditaduras caíram, pondo a nú o terror dos regimes em que se fundaram e a falência das receitas económicas que os sustentavam.

E é inegável que foi o desrespeito pelos valores do humanismo e do bem-estar dos indivíduos, para que o Mundo deve cada vez mais caminhar, que tornou mais evidente a necessidade de buscar novas soluções políticas inspiradas no modelo ocidental.

### Ainda há Ideologias?

E simultaneamente, como já no final do século passado, começa a instalar-se a ideia de que as grandes ideologias entraram definitivamente em crise.

Porque não foi apenas no Leste Europeu que se sentiu a necessidade de questionar a validade da doutrina. Também no Ocidente se começou a perceber que o nosso século trouxe novos problemas para os quais se não encontra resposta adequada nos receituários ideológicos tradicionais.

E desde algum tempo a esta parte, têm-se preocupado os políticos em saber, afinal, o que os distingue uns dos outros e em que medida se podem reivindicar de uma prática política diferente.

### A Invasão dos Tecocratas

É que a progressiva internacionalização das questões, a par da crescente interdependência das economias e da grande especialização para que se caminha em todas as áreas, parece encontrar melhor abrigo entre os tecnocratas que no seio dos velhos doutrinadores.

A política, em face da desorientação ideológica e perante necessidades cuja satisfação não pode muitas vezes esperar pela reflexão programática, tem-se assim revelado como fórum privilegiado da tecnocracia e do

E até a demagogia, que sempre alimentava a discussão em torno dos valores e das bandeiras políticas, foi sendo substituída pela igualmente demagógica disputa na afirmação do primado da competência técnica dos políticos.

Não aceitaremos que o debate político seja descolorido e isento de emoções.

### Questões Que Parecem Novas

Se queremos enfrentar com uma dimensão de futuro as novas questões que se colocam a todos os Estados temos de ir mais longe na procura de novos referenciais programáticos.

O estado de ruptura para que caminha o equilíbrio ecológico e a busca inadiável de novas soluções alternativas para o sistema energético são situações que exigem, hoje, uma resposta global que a todos compromete.

Não podemos perder tempo a responder de modo conjuntural e passivo a problemas tão prementes e estruturantes da vida das sociedades modernas como são os energéticos e ambientais.

E mesmo a maior abertura que se tem verificado no diálogo Norte/Sul não é ainda suficiente para encontrar novas e melhores expressões de solidariedade para com os países menos desenvolvidos, onde em pleno século XX se continua a morrer de fome e a viver sem condições de dignidade humana.

### Ameaças Que Parecem Velhas

Ao mesmo tempo que o novo mundo nos oferece mais oportunidades de progresso social e de desenvolvimento económico também emergem novas ameaças sociais.

Num Mundo dominado pelas novas tecnologias e pelo progresso da Ciência, o avanço da Sida permanece incontrolável e promete, mais do que introduzir profundas alterações no comportamento e nas relações sociais dos indivíduos, criar um novo gheto de discriminação humana e lançar novos temores e receios que limitam a felicidade das pessoas.

Também a droga, em cujo nome já se fazem novas guerras, é um problema cada vez mais grave que ameaça a integridade física e intelectual dos indivíduos e que põe em causa os próprios alicerces da sociedade, na sua capacidade para se autoregenerar e rejuvenescer, minando a autoridade dos Estados e forjando economias criminosas paralelas.

Não podemos deixar também de denunciar o recrudescimento de fenómenos de intolerância religiosa, como os associados ao fundamentalismo islâmico, e de violência social e política, do desporto ao racismo e à xenofobia.

### É Preciso Agir

Não podemos ficar deslumbrados com o que a História vai conquistando para os seus marcos cronológicos.

Sentimos que estamos a viver um momento de viragem. Entre a renúncia consciente a Pinochet e a libertação de Mandela, com a esperança do fim do apartheid, vai uma distância temporal pequena, mas ambas representam um salto qualitativo de décadas.

É necessário imprimir um cunho de consciência política e de vontade individual nas transformações que estão por realizar, porque só assim se dá permanente sentido prospectivo às realizações que se conquistaram e se afirma a condição do Homem como autor e não espectador passivo da História.

A Paz, nas conferências de desarmamento, ainda é discutida no hipotético cenário da guerra. E as democracias, para realizarem mais bem-estar e felicidade aos indivíduos, não têm conseguido evitar a deformação política que constitui o seu real afastamento dos cidadãos.

Nada está definitivamente adquirido. E só conquistaremos duradouramente aquilo por que soubermos hoje lutar, se soubermos denunciar e construir. É preciso pôr de lado a indiferença e agir.

## RASGAR A INDIFERENÇA DA JUVENTUDE

### **Agir é Participar**

Os jovens estão cada vez mais alheados do fenómeno da participação.

Ao mesmo tempo que se reclama um maior protagonismo social, há mais de 80% de jovens que não participam nas organizações de juventude existentes, sejam partidárias, desportivas ou recreativas.

Os jovens queixam-se das insuficiências e do estado do sistema educativo, mas os índices de participação em eleições associativas nas escolas é cada vez mais baixo, e na maior Faculdade do País há cerca de 70% de estudantes que não votam.

As preocupações dos jovens em relação às questões ecológicas são crescentes, mas só menos de 2% de jovens participam em associações de defesa do ambiente.

Há lutas que só se vencem desde que sejam partilhadas. E temos de denunciar o isolamento e o individualismo a que os jovens se têm votado, bem como as solidariedades que não têm conseguido conquistar.

As oportunidades de lazer que as novas tecnologias oferecem aos jovens não podem ser a expressão decadente desta solidão social, mas o complemento assumido de uma nova vivência colectiva que todos temos de encontrar.

É preciso dizer que só há protagonismo social agindo e participando. E não se transforma a realidade ficando em casa sem intervir. Não podemos aceitar ser meros destinatários da História.

### **Agir Também é Combater**

Os conflitos de gerações e a mudança de mentalidades são combates reais que os jovens têm de travar.

Mas a JSD não deixará de combater as influências que levam algumas estruturas de jovens a, em nome dessas lutas, se instalarem para pouco realizar.

O CNJ foi certamente uma estrutura que ficou muito aquém da expectativa que acalentou, e nesta circunstância a JSD nele não deposita outro empenhamento senão o que é devido a um mero fórum de diálogo entre os jovens.

Tal não impedirá que, em outras sedes, a JSD não faça o seu combate político em nome do Projecto em que acredita. Não teremos complexos em estar, se for preciso, contra outros jovens que pugnem por projectos diferentes.

A esfera partidária em que nos movemos não pode esgotar a participação dos jovens. Mas, ao nível da participação política, não deixaremos de reivindicar um espaço de liderança que possa ser a expressão viva das nossas diferenças relativamente a outras organizações.

Em coerência das ideias, os projectos de geração não podem ser aglutinadores de falsos consensos, mas antes testemunhos concorrentes de vontades diferentes. A JSD lutará politicamente com a convicção do seu próprio projecto.

### **Afirmar um Espaço Próprio Estar com os Jovens**

A JSD tem um espaço político de autonomia de que não pode abdicar. Recusamos ser um mero segmento juvenil do PSD, como recusamos ser a sua jovem estrutura de elite. O nosso espaço, de liberdade e de irreverência, deve sempre ser assumido como de protagonismo dos jovens no seio da social democracia.

E é com os jovens que pretendemos estar. Como todos os jovens, pretendemos mais fazer perguntas do que dar respostas acabadas, e mais gritar denúncias do que vestir a farda de excessiva responsabilidade com que muitos, paternalisticamente, nos querem vestir.

A JSD não aceita cair no vício de ficar a olhar para o seu próprio umbigo. Queremos reavivar o nosso debate com os jovens da nossa idade, porque sabemos que só com o seu inconformismo e o seu espaço de descomprometimento é possível questionar permanentemente o Poder e torná-lo menos acomodado.

E porque só com os jovens conseguiremos reconstruir a todo o momento um verdadeiro Projecto de Mudança.